

EDITORIAL

Quando o ministro da educação do Japão solicitou que as universidades retirassem de seus currículos as humanidades, sentimos que algo andava mal no Japão. Mas quando lemos a última versão da BNCC, que praticamente retira as humanidades do currículo do Ensino Médio, sentimos que esse mal é internacional. A filósofa estadunidense Martha Nussbaum, em seu livro **Sem Fins Lucrativos: Por que a democracia precisa das humanidades** (2015), fala de uma “crise silenciosa”, uma crise sem precedentes que ameaça a democracia e a cidadania global. Essa crise se refere ao descuido e ao desprezo pelas artes e pelas humanidades.

Em seu livro, Nussbaum afirma que o mais importante na Educação não é o trabalho, mas a formação para a vida e para o convívio social. As diferenças sociais contemporâneas requerem, em contrapartida, pessoas preparadas para vivê-las. Uma educação voltada somente para o lucro, isto é, para o crescimento econômico, não se preocupa com uma formação que contemple capacidades de raciocinar e refletir criticamente, perdendo de vista aquilo que é crucial para a vida democrática.

E a Filosofia nessa crise das humanidades? Frequentemente, temos visto na mídia matérias afirmando a sua suposta inutilidade. Essa acusação antiga sempre foi contraposta com bons argumentos. Contudo, há outras acusações que atentam mais para a sua permanência nos currículos escolares, acusações de que a Filosofia é nociva para a formação dos jovens. Nociva quando incide nas questões de natureza ética e política, quer promovendo a discussão sobre a revisão dos cânones para além da Filosofia, quer promovendo discussões sobre os problemas relacionados a diversidade.

Não bastasse seu caráter nocivo, já encontramos nesse cenário de crise afirmações que colocam a Filosofia como prejudicial para o aprendizado de outras áreas do saber. Para nós, que nos acostumamos a resistir frente a fala da inutilidade, essas manifestações contemporâneas parecem mostrar um outro cenário. A complexidade da nova situação exige de nós atenção e vigilância redobradas. Com esse intuito, de atenção à complexidade do tempo presente e às implicações para o Ensino da Filosofia, que a edição da Refilo pretende ampliar esse debate.



Assim apresentamos, na sessão de entrevistas a professora Ms. Katiuska Izaguirry Marçal, apresenta seu itinerário formativo e profissional, enfatizando seus estudos e pesquisas sobre o ensino de Filosofia, buscando acentuar a importância da Filosofia nas atividades docentes para os jovens do ensino médio.

O autor do artigo intitulado **Ensino de Filosofia e ensino de ciências: um estranho silêncio**, apresenta os argumentos sobre a necessidade de a área de ensino de Filosofia realizar estudos com enfoque no ensino da Filosofia da ciência. A defesa da importância se deve ao fato de que a área das ciências em apresentado significativo reconhecimento da importância dos elementos de Filosofia da ciência na escola, compreendendo sua contribuição para a alfabetização científica. Conforme afirma seu autor “o argumento é de que não basta que os alunos aprendam conceitos científicos; eles devem aprender, também, sobre a atividade científica e o conhecimento científico por ela produzido, isto é, sobre a natureza da ciência”.

O texto **O PIBID e a aprendizagem significativa no ensino de Filosofia: um relato de experiência**, relata uma experiência formativa no Programa de Iniciação à Docência (Pibid). Valendo-se da retomada histórica do desenvolvimento do Pibid, enquanto política de formação de professores, o relato nos apresenta como a aprendizagem significativa acontece.

O artigo **É proibido filosofar no ensino médio** nos inquieta desde o momento que lemos o seu título, afinal trata da impossibilidade da Filosofia no ensino médio. A inquietação talvez seja devido ao fato de que muitos de nós professores e professoras de Filosofia buscamos os sentidos de sua possibilidade. No entanto, a autora tem como objetivo defender o argumento de que “o ensino de Filosofia no nível médio pode se dar por diferentes caminhos”, e que o papel do professor de Filosofia consiste em “resistir às normas e regras estabelecidas pelos fluxos das avaliações finais do ensino médio”.

O artigo **Da Filosofia crítica a crítica da Filosofia universitária: provocações a partir da educação filosófica** tem o objetivo de realizar um exercício de pensar a ordem discursiva que constitui a área da formação de professores em Filosofia no Brasil. Na esteira desse importante debate, a Refilo apresenta o texto **Um devir menor no currículo de Filosofia**. Nele a autora mostra de que modo as “noções de currículo menor e educação menor” são potentes para “uma aposta ética e Filosofia para um ensino de Filosofia condizente com um cenário de mudanças”.

O artigo intitulado **O pensar como resposta à crise na educação: contribuição arendtiana para o ensino** interroga o modo como Hannah Arendt coloca em



movimento o pensar acerca da educação perante a crise da modernidade. Buscando compreender qual a relevância do ensino da Filosofia nesse contexto sombrio.

A presente edição da Refilo finaliza com a resenha **Sofia, a menina que gosta de filosofar**, na qual seu autor ressalta a importância da história à medida que a mesma dialoga com jovens e suas experiências e o sentido dos aprendizados de vida.

Nós, na condição de editoras da Refilo agradecemos aos colaboradores dessa edição. Entendemos que a divulgação dos estudos, pesquisas e experimentações sobre o ensino de Filosofia são de suma relevância para resistirmos as políticas de silenciamento da mesma nos currículos da educação brasileira.

Simone Freitas Gallina
Cláudia Cisiane Benetti
Elisete Medianeira Tomazzetti
Editoras